



Recebido em 25/02/2025
Aceito em 05/05/2025
DOI: 10.26512/emtempos.v25i47.56362

ARTIGO

De coroa e avental: a representação das mulheres no espaço da Festa do Colono de Maracajá, SC

Crown and apron: the representation of women in the space of the Colonist Festival of Maracajá, SC

Giani Rabelo

Doutora em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-3304-8268>

Susane da Costa Waschinewski

Doutora em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina
<https://orcid.org/0000-0002-9024-0539>

Odecia Almeida de Souza da Silva

Doutoranda em Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense
<https://orcid.org/0000-0003-0049-2458>

RESUMO: Este estudo problematiza a construção social das diferenças sexuais sob uma perspectiva histórica e de gênero, analisando as formas de representação das mulheres nas sociedades ocidentais e a legitimação da ideologia patriarcal que as sustentam. A pesquisa é de natureza qualitativa, embasada na História Cultural como vertente teórico, tendo a história oral temática como metodologia. As análises se concentram nos discursos presentes em documentos e nas narrativas dos participantes e promotores da Festa do Colono de Maracajá-SC. O objetivo principal é identificar, nas atividades do evento, os aspectos culturais e sociais que determinam e condicionam os espaços reservados às mulheres, bem como os usos e apropriações que elas fazem desses espaços. Buscamos, assim, evidenciar as permanências e as rupturas nos padrões representativos construídos socialmente. Os resultados indicam que certas atividades da festa forjam e reforçam identidades e estigmas em relação às mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: História das Mulheres. Representação. Festa do Colono de Maracajá.

ABSTRACT: This study examines the social construction of sexual differences from a historical and gender-based perspective, analyzing the forms of representation of women in Western societies and the legitimation of the patriarchal ideology that sustains them. The research is qualitative in nature, grounded in Cultural History as its theoretical framework, and uses thematic oral history as its methodology. The analyses focus on discourses present in documents and in the narratives of the participants and organizers of the Festa do Colono (Settlers' Festival) in Maracajá, Santa Catarina. The main objective is to identify, within the activities of the event, the cultural and social aspects that determine and shape the spaces assigned to women, as well as the ways in which they use and appropriate these spaces. The study seeks to highlight both the continuities and the ruptures in socially constructed representative patterns. The results indicate that certain activities of the festival shape and reinforce identities and stigmas related to women.

KEYWORDS: Women's History. Representation. Colonist Festival of Maracajá.

Introdução

Este artigo busca refletir a respeito das representações construídas sobre as mulheres nos documentos e nas narrativas dos(as) participantes e dos(as) promotores(as) da Festa do Colono de Maracajá. A temática deste artigo surgiu da análise do *corpus* documental que constitui uma pesquisa de dissertação de mestrado. A Festa do Colono de Maracajá foi criada pela administração pública municipal com a participação de lideranças paroquiais da igreja católica, como um evento de celebração em homenagem aos agricultores. Hoje, constitui-se um evento turístico-cultural no calendário regional, chegando, em 2023, à sua 30^a edição. Essa festividade possui potencial comunicativo intergeracional envolvendo diferentes atividades evocadoras de memórias e a espetacularização de algumas manifestações culturais como produto turístico. Nesse evento, as mulheres são representadas de diferentes formas.

No contato e no manuseio das fontes orais e documentais que dialogam com a realização e a legitimação histórica da Festa do Colono de Maracajá (SC), emergiu a necessidade de refletir sobre elementos significativos da história das mulheres na perspectiva de gênero. Tecemos, então, neste texto, considerações sobre a representação das mulheres no espaço da referida Festa, que teve sua primeira edição efetivada no ano de 1989, buscando perceber as relações construídas socialmente sobre as competências e o lugar das mulheres na sociedade local.

No primeiro momento, buscamos desenvolver uma breve reflexão teórica sobre as representações atribuídas às mulheres de diferentes classes sociais

ao longo da história ocidental. Em uma segunda seção, contextualizamos e problematizamos a representação e os espaços ocupados pelas mulheres durante a realização da Festa do Colono de Maracajá dentro de um modelo de sociedade ainda norteado pela ideologia patriarcal. Abordamos, também, sobre as divergências e os estereótipos estabelecidos em referência às mulheres agricultoras. Por fim, apresentamos alguns apontamentos acerca desta temática que buscam desnaturalizar as dimensões de exploração e desvalorização das mulheres enquanto seres biologicamente incapazes de ocupar o espaço legitimado pelos homens. Ao tomar como foco de análise algumas atividades da Festa do Colono de Maracajá, observamos a forma como a ideologia patriarcal invade as representações das mulheres.

Notas iniciais: representações das mulheres ao longo da História nas sociedades ocidentais

Os estudos sobre as mulheres são relativamente recentes no campo da História. Segundo Burke (2008), foi somente a partir do século XX, com as proposições dos historiadores do movimento dos *Annales*, que a geração de historiadores da década de 1970 desenvolveu estudos baseados na teoria da História Cultural. O resultado foi que os(as) historiadores(as) tomaram consciência dos problemas novos ou, até então, ignorados e excluídos, e adotaram diferentes fontes e objetos de estudo. Entre eles, as pesquisas sobre mulheres, passando, então, a eleger outros sujeitos históricos até então invisibilizados pela história oficial. Por meio dessas pesquisas, historiadores(as) lançaram novos olhares sobre a sociedade e buscaram dar visibilidade às representações femininas nas sociedades, bem como problematizá-las. Podemos dizer que esses foram os primeiros passos para o caminho da desnaturalização da concepção de “inferioridade” biológica que justificou e ainda justifica todas as formas de opressão em relação às mulheres.

Ao pensar sobre a representação das mulheres na Festa do Colono, como o próprio nome já indica, um espaço predominantemente masculino, buscamos o entendimento de representação na obra “À Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes”, na qual Chartier (2002) aborda o conceito de “representação” indicando a existência de duas explicações que compõem sentidos contraditórios. Um primeiro sentido seria observar a representação a qual faz ver a ausência que, assim, diferencia o que representa e o que é representado. E a segunda compreensão é a da apresentação de uma presença, de forma pública:

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante “pela pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por marcas” – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também “manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade” (Chartier, 2002, p. 165).

Nesse sentido, propomos refletir acerca das representações das mulheres nessa festividade de forma a observar que, por diversas vezes, elas estão ausentes ou invisibilizadas ou, como bem pontua o autor, quando estão apresentadas, são presença pública. Como elas são pintadas?

Refletindo sobre a presença das mulheres na História, Pinsky (2009, p. 159), acrescenta que “[...] a História das Mulheres adquiriu expressão a partir da década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia [...]”, entre elas “[...] a ênfase em temas como família, sexualidade, representações, cotidiano, grupos ‘excluídos’”. Os estudos históricos tratavam de diversos temas envolvendo as mulheres, mas, comumente, segundo Pinsky (2009, p. 161), davam “[...] atenção às mulheres do passado e o reconhecimento de que a condição feminina é constituída histórica e socialmente”.

Devido a esses estudos históricos focados na representação histórica feminina, podemos, hoje, saber que o reconhecimento do espaço e dos direitos das mulheres nas sociedades sofreu mudanças ao longo da história e que algumas representaram importantes avanços.

Nesse viés, Tedeschi (2012, p. 15) afirma que “[...] abordar a construção dessas representações é revelar o imaginário masculino presente, impregnado, refletido na cultura. Tradicionalmente se empregam argumentos extraídos da natureza, da religião, do político para legitimar a subordinação feminina”.

Os estudos sobre a representação da mulher na dita “pré-história” são raros, no entanto os(as) pesquisadores(as) que se debruçam sobre esse tema, a partir de vestígios deixados por esses grupos humanos, discutem e sugerem que as mulheres eram consideradas seres sagrados em função da associação de seu corpo com a fecundidade. Seios e ventres volumosos são representados nas esculturas femininas do período e a imagem de “Vênus de Willendorf”, também conhecida como mulher de Willendorf, é um exemplo:

Figura 1
Vénus de Willendorf.¹



*Escultura encontrada nas proximidades de Willendorf, na Áustria, em 1908.
Encontra-se exposta, atualmente, no Museu de História Natural de Viena.*

Simone de Beauvoir (1980, p. 29), informa que “[...] pensou-se durante muito tempo, pensa-se ainda em certas sociedades primitivas de filiação uterina, que o pai não participa de modo algum na concepção do filho: as larvas ancestrais infiltrar-se-iam sob a forma de germes no ventre materno.”

No Brasil, em uma sinopse genérica, as mulheres integrantes de grupos autóctones pré-coloniais eram, na maioria, ceramistas, tecelãs, agricultoras e responsáveis pelos serviços domésticos e pelo cuidado dos filhos e das filhas; já aos homens eram atribuídas as responsabilidades, principalmente, na caça e pesca, derrubada da mata para preparo do roçado e para construção das moradias, nos rituais religiosos e treinamento dos filhos para a guerra. Ribeiro (200 p. 80), explica que “[...] o indígena considerava a mulher uma companheira [...]” e, assim, “[...] o trabalho e o prazer do homem como os da mulher indígena eram considerados equitativos e socialmente úteis”.

Face a esse cenário histórico, Beauvoir (1980, p. 29) afirma que foi com o surgimento do patriarcado que o macho passou a reivindicar a superioridade no processo de procriação, admitindo que a mulher “[...] não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador”. Sobre o contexto histórico

¹ Disponível em: <http://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>. Acesso em: 2 ago. 2015.

da representação feminina na antiguidade clássica, Beauvoir (1980) argumenta que “Aristóteles imagina que o feto é produzido pelo encontro do espermatozóide com o útero; nessa simbiose a mulher fornece apenas uma matéria passiva, sendo o princípio masculino força, atividade, movimento, vida”. Do mesmo modo, Beauvoir (1980, p. 30) descreve que na teoria do filósofo Hipócrates, considerado o pai da medicina, existem “duas espécies de sêmens: um fraco ou feminino e outro forte, masculino”.

A contribuição de Tedeschi (2012) ressalta o papel relevante desempenhado pela cultura clássica na forja do pensamento ocidental, transmitindo não apenas funções, mas também princípios morais e costumes que, com o tempo, solidificaram-se como tradições profundamente enraizadas. Nesse contexto, no âmbito da filosofia na Grécia Antiga, figuras eminentes como Platão, Aristóteles, Hipócrates, e outros pensadores, conceberam uma representação da mulher que a subordina numa posição de objeto, justificada por uma percepção compartilhada de sua suposta inferioridade intelectual, biológica e política. É nesse cenário que se insere a passagem, a seguir, em que Platão apresenta e fundamenta os argumentos subjacentes à desvalorização das mulheres:

E agora a tarefa que nos foi imposta ao começar, de fazer a história do universo até a geração do homem, parece quase realizada. [...] Entre os homens que receberam a existência, todos os que se mostraram covardes e passaram a sua vida a praticar o mal foram, conforme toda a verossimilhança, transformados em mulheres na segunda encarnação. Foi nesta época e por esta razão que os deuses construíram o desejo da conjunção carnal, modelando um ser animado em nós e um outro nas mulheres, e eis como fizeram um e outro. [...] Eis porque nos machos os órgãos genitais são naturalmente insubmissos e autoritários, como animais surdos à voz da razão e, dominados por apetites furiosos, querem comandar tudo. Nas mulheres também e pelas mesmas razões, o que se chama a matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar. Quando ele fica muito tempo estéril depois do período da puberdade, ele tem dificuldade em suportar isso, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os canais do sopro, impede a respiração, causa um grande incômodo e origina doenças de toda a espécie, até que, o desejo e o amor unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa árvore, e semear na matriz, como num sulco [...] Tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino (Platão *apud* Tedeschi, 2012, p. 48).

Na interpretação de Tedeschi (2012), esses argumentos filosóficos foram disseminados entre os povos ocidentais que naturalizaram, por meio da filosofia e da medicina, o estigma da identidade feminina até a modernidade.

As representações sobre as diferentes funções da anatomia humana, como a concepção de que o ‘útero [é] como um animal dentro de um animal’ contribuiu [*sic*] para reduzir, afirmar e diminuir o papel das mulheres no tocante à reprodução, à concepção, criando uma espécie de teoria da reprodução feminina (Tedeschi, 2012, p. 49, *acrêscimos meus*).

Retratando o contexto da Idade Média, emerge-se um cenário de representação do feminino delineado pelo poder da Igreja. Essa instituição proclama um ideal de mulher baseado na “[...] cultura greco-romana que ditou através de seus discursos, e do imaginário, ‘verdades’ sobre a natureza feminina, que foram herdadas pelo cristianismo” (Tedeschi, 2012, p. 58).

Em seus estudos, Tedeschi (2012, p. 60), argumenta que “[...] os relatos bíblicos da criação, delegando à mulher a culpa pela tentação e, conseqüentemente pelo pecado em relação a Deus, terá [sic] efeitos terríveis e duradouros na história sobre a dignidade e a imagem do feminino”. Diante da análise dos textos bíblicos que se referem à imagem feminina, o autor explicita que:

O Cristianismo tem essencialmente dois tipos para representar todo o universo feminino. Maria foi um exemplo único do seu tipo, ao passo que as restantes mulheres são consideradas filhas de Eva. Maria tem um estatuto singularizado, enquanto que Eva, diretamente implicada na desobediência inerente ao Pecado Original, se afirma na sua natureza pecaminosa por contraste à natureza perfeita e inatingível de Maria. Inevitavelmente, as mulheres são identificadas com a primeira mulher, uma vez que a mãe de Cristo, devido à sua natureza imaculada (que inclui dar à luz uma criança continuando virgem), se afasta totalmente da experiência das mulheres, daquilo com que podem ser identificadas. Assim, assumiremos Eva como aquilo que a Igreja define que a mulher é e Maria como um modelo daquilo que a mulher deveria ser (Tedeschi, 2012, p.69).

Nessa perspectiva, as mulheres cristãs são, em potencial, pecadoras descendentes de Eva e buscam se redimir no ato da maternidade assim como a “Virgem Maria”, possuindo, comprovadamente, segundo estudiosos(as) do cristianismo, inferioridade biológica. Diante dessas determinações:

As características construídas pela moral cristã e atribuídas ao feminino são aquelas necessárias ao cuidado do lar, da família e do bom desempenho da maternidade, negando à mulher outras possibilidades e reforçando seu enclausuramento no espaço doméstico (Tedeschi, 2012, p. 74).

A representação das mulheres na sociedade colonial brasileira também repercute conceitos estigmatizados e inferiorizados. Essa constatação é notável quando se analisa a participação das mulheres na educação formal. Ribeiro (2003, p. 79), descreve que, de 1500 a 1822:

[...] a educação feminina ficou geralmente restrita aos cuidados com a casa, o marido e os filhos. A instrução era reservada aos filhos/homens dos indígenas e dos colonos [...] tanto as mulheres brancas, ricas ou empobrecidas, como as negras escravas e as indígenas não tinham acesso à arte de ler e escrever (Ribeiro, 2003, p.79).

Diante dessa realidade, Ribeiro (2003, p. 79) sugere a atribuição da inferioridade feminina aos portugueses, pois “[...] as influências da cultura dos árabes naquele país durante quase 800 anos, consideravam a mulher um ser

inferior”. O sexo feminino fazia parte do *imbecilitus sexus*, ou sexo imbecil, uma categoria à qual pertenciam mulheres, crianças e doentes mentais. Dessa forma, na mentalidade do período, mesmo que algumas mulheres tenham ocupado esferas públicas, administrando propriedades na falta dos maridos, “[...] as mulheres brancas seriam meras reprodutoras dos varões portugueses na colônia” (Ribeiro, 2003, p. 82).

Em uma breve análise da imagem a seguir, obra do pintor Jean Baptiste Debret, intitulada “Um funcionário do governo sai a passeio com a família”, é possível observar a representação da estrutura familiar e da hierarquia na organização familiar no período Joanino no Brasil (1808-1821):

Figura 2:

“Um funcionário do governo sai a passeio com a família”, do pintor Jean Baptiste Debret²



Na frente, o homem é seguido pelas filhas e pela esposa – mulher branca responsável por administrar a vida doméstica, sendo sucedida por seus(suas) escravos(as). A referida imagem demonstra, entre outros aspectos, a estrutura social da época e as relações patriarcais de poder, ou seja, “[...] as chamadas teorias do patriarcado explicam a subordinação ‘universal’ e ‘invariável’ das mulheres pela necessidade masculina de controle da sexualidade feminina, fixando a oposição homem/mulher” (Pinsky, 2009, p. 63).

² Disponível em: <https://noticiaindependente.files.wordpress.com/2010/08/imagens-e-representacoes-do-brasil-trabalho.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2015.

Conforme Pinsky (2003, p. 265), o século XIX, considerado o tempo das tristezas e sobriedade para as mulheres, desenvolveu duas posturas contraditórias em relação aos direitos e à concepção dos seus papéis na sociedade. Por um lado, esse século “[...] popularizou o ideal da mulher restrita à esfera doméstica, limitada ao cuidado do lar e da família, maximizou o imaginário da segregação sexual dos espaços públicos, reforçou concepções tradicionais da inferioridade feminina [...]” e, por outro, “[...] ampliou possibilidades e, entre outras coisas, viu florescer o feminismo e a ação das mulheres em diversos movimentos sociais”.

Neste século, na concepção de Pinsky (2003, p. 268), as Revoluções Francesa e Americana marcaram significativamente a história das lutas pela cidadania feminina, sendo que na Revolução Americana muitas mulheres “[...] colaboraram mantendo sozinhas seus familiares e propriedades e empenhando-se em atos cívicos”. No entanto, o modelo de mulher adotado na república americana foi o de “mãe”, porém, nesse caso, “[...] as atividades domésticas adquirem um caráter cívico e seu papel social uma nova dimensão: a de ‘velar pela construção do país em termos de virtude e moral’ (Pinsky, 2003, p. 268).

Já na Revolução Francesa, o movimento provocado pelas ativistas contribuiu inicialmente para que as mulheres conquistassem alguns direitos civis. Entretanto, mesmo que no decorrer da revolução os ideais femininos tenham sido derrotados e a representação feminina perpetuada tenha sido a de mãe e dona de casa, elas deixaram seu legado ideológico para futuras campanhas feministas (Pinsky, 2003, p. 271).

As modificações econômicas ocorridas com o capitalismo, inicialmente comercial e depois industrial, nas sociedades ocidentais e:

[...] o aumento da riqueza das nações, além do crescimento das classes médias nas áreas urbanas, proporcionaram uma melhoria na qualidade de vida de muitas famílias e permitiram a dezenas de milhares de mulheres viver em um patamar distinto do de suas antepassadas, quando suas famílias puderam se permitir contratar empregados” (Pinsky, 2003, p. 271).

Dessa forma, a ascensão econômica e social de algumas famílias permitiu às mulheres se dedicarem “[...] a eventos sociais ou empenhar-se [sic] ainda mais em suas atividades domésticas [...]” (Pinsky, 2003, p. 271), enquanto as mulheres de classes sociais menos abastadas tiveram que se submeter a trabalhar fora para buscar sobrevivência. Assim, conforme Pinsky (2003, p. 270-271), “[...] uma esposa que não trabalhava [...] denotava o sucesso do marido em prover a família, sinalizava *status*, neste contexto trabalho e lar começaram a ser vistos como dois campos opostos e incompatíveis para mulheres de boa família”.

Continuando a descrição sobre as representações femininas ao longo dos séculos, Pinsky (2003, p. 284) destaca que, durante o século XIX, as mulheres trabalhadoras conseguiram conquistar alguns direitos trabalhistas e passaram a se organizar sindicalmente em diferentes países; conseqüentemente, a partir do século XX, as mulheres passaram a ocupar cada vez mais o mercado de trabalho devido ao desenvolvimento industrial e tecnológico, como também ocuparam novos cargos antes destinados exclusivamente aos homens. Porém, seus salários eram inferiores aos dos homens por serem consideradas diferentes biologicamente em relação a mão de obra masculina.

Dessa maneira, para Pinsky (2003, p. 293) “[...] o século XX foi chamado de ‘século das mulheres’ devido à efervescência dos movimentos das mulheres e dos movimentos feministas que lutavam pela consolidação dos direitos políticos e sociais que constituem a ‘cidadania plena’ [...]”, a qual, no entendimento das autoras, ainda não está completada em pleno século XXI.

Foi nesse contexto que surgiu o pensamento de Simone de Beauvoir (1980). Ao publicar, em 1949, o livro “O Segundo Sexo”, a autora (Beauvoir, 1980, p. 24), busca, entre outros aspectos, por meio de um discurso inicialmente biológico, comprovar que nem mesmo dentro do universo natural “[...] a separação dos indivíduos em machos e fêmea surge, pois, como um fato irreduzível”. Nas palavras da autora:

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras “mulher” ou “feminino” não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável (Beauvoir, 1980, p. 24).

As contribuições de Beauvoir (1980) foram definitivas para desmistificar a representação feminina inferior em oposição à representação masculina superior conforme definem as interpretações biologicistas. Beauvoir (1980, p. 24) argumenta que “[...] o corpo é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir”. São as inúmeras relações sociais, psíquicas, econômicas e culturais que estabelecem a condição feminina e masculina, que não é imutável.

Na próxima seção, abordarei sobre os aspectos que denotam como as mulheres são representadas em uma manifestação cultural de significativa expressão para os(as) moradores(as) do município de Maracajá, a Festa do Colono.

A representação das mulheres na Festa do Colono de Maracajá: estigmas, preconceitos e subjetividades

Na Festa do Colono de Maracajá, uma das atividades que se repete anualmente nas edições é a escolha da rainha e das princesas, desta forma, as comunidades integrantes da Paróquia de Maracajá escolhem uma adolescente ou jovem para ser sua representante no desfile do Baile do Colono. Essa é uma atividade comum em todas as festas da região e, ao realizar entrevistas com membros participantes da comunidade, observamos alguns relatos de memórias saudosas sobre esse momento da festa. Além das memórias dos entrevistados, também evidenciamos grande ênfase nos jornais da época em relação à escolha das princesas e da rainha do evento.

Rosiane Garcia Paes³, Rainha da Festa do ano de 1993, quando tinha 13 anos de idade, narra suas lembranças sobre a experiência vivida, evidenciando o papel que a “realeza” desempenhava na Festa:

Na nossa época, na véspera era o baile, e no outro dia daí já era a festa, nós participávamos do desfile em cima de um trator, as eleitas e as não eleitas (algumas vieram e outras não), do desfile da missa, e depois nós fazíamos o social com o prefeito. Na época era o Guilo Medeiros, que faleceu, e a gente fazia a social (Paes, 2015, 10 min 6 s).

As meninas, moças escolhidas para a “corte” da festa, desempenhavam, conforme o depoimento de Rosiane, a função social de recepção e dos cumprimentos aos participantes, tanto na abertura do desfile como em outras situações em que a figura dessas mulheres servia para embelezar a festa, como uma espécie decorativa que ficava à sombra ou a serviço do prefeito (o homem).

Continuando sua narração, Rosiane apresenta o significado subjetivo dessa conquista:

A minha comunidade até hoje me recebe muito bem lá, eles lembram muito de mim, eu gosto muito disso, de ir lá. Ah! A nossa rainha [...]. Foi muito bom, foi como se fosse a minha festa de 15 anos, porque eu não tive festa, ter participado e sido rainha, [...] foi muito bom, muito bom mesmo (Paes, 2015, 1 min 6 s).

A “invenção da tradição” na escolha da realeza para as festas municipais, ao nosso ver, trouxe consigo, no caso das Festas do Colono, por um lado, a

³ Nascida em 15 de junho de 1980. Concedeu entrevista em 07 de janeiro de 2015.

conquista da visibilidade das mulheres, principalmente as moradoras rurais, para emergirem em um espaço urbano, como também no espaço festivo, onde se tornam protagonistas, ao menos nessa atividade. Mas, por outro, corroborou para legitimar cada vez mais a condição de mulher restrita à vida doméstica. Ao analisarmos fotografias das edições da festa, observamos que em alguns anos o figurino das rainhas e das princesas apresenta traços que representam o pensamento patriarcal de concepção feminina. O “avental” é elemento presente nesses figurinos, reafirmando o ideal de mulher que, nesse caso, representaria as comunidades rurais.

Figura 3

Escolha da rainha e das princesas da Festa do Colono de Maracajá de 1990⁴.



No caso das Festas do Colono e de outras festas representativas dos municípios da região, o figurino da “corte” também carrega o simbolismo dos elementos ligados à “colonização” no sentido de exaltação de determinados grupos étnicos considerados desbravadores. O jornal Tribuna do Vale, de 1990, faz referência às roupas das candidatas como a busca de representação de uma identidade: “[...] todas desfilarão com trajés típicos representando, notadamente, a camponesa” (Maracajá, 1990)⁵

Durante os preparativos da festa do ano de 2011, desenvolveu-se um concurso para escolha do vestido das rainhas e princesas da festa. No *site* do

⁴ Acervo documental do Centro Histórico-cultural de Maracajá.

⁵ Matéria veiculada no Jornal Tribuna do Vale de 19/07/1990, p. 9, tendo como título: Maracajá: Festa do Colono com muitas atrações.

Instituto Federal de Santa Catarina, campus de Araranguá, foi veiculada uma matéria, em 27 de maio de 2011, a qual descreve os interesses da administração municipal com o concurso: “A coordenadora do curso à época, Rafaela Bett Soratto, explica que o conceito solicitado pela prefeitura foi que o traje deveria ser típico de acordo com as etnias que colonizaram a cidade de Maracajá: italianos e portugueses” (Aluna do IFSC, 2011).

Figura 4

Desenho do vestido da Rainha e das Princesas da Festa do Colono de 2011⁶.



Inúmeras são as análises que podem ser deferidas a partir do discurso e das imagens em torno dessa festa, entretanto, tratamos aqui da representação das mulheres no contexto festivo. Observamos que a ideologia do patriarcado explicada por Saffioti (2004, p. 136) está presente nas atividades da festa como uma ideologia que é constituída historicamente: “[...] implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina [...]”, na qual o espaço das mulheres no imaginário social permanece, mesmo nas sociedades contemporâneas, restrito à esfera doméstica. Assim, mesmo sendo uma festa onde geralmente não se vai com roupas de trabalho, a rainha e as princesas escolhidas são dignas de receber uma “coroa”, mas precisam usar um “avental” para representar o local a qual pertencem nessas relações de gênero.

6 IFSC. <http://www.ifsc.edu.br/9-noticias/1647-2705-aluna-do-campus-ararangua-desenha-vestido-para-rainha-da-festa-do-colono-de-maracaja>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Talvez essa representação estereotipada esteja relacionada ao fato de a mulher representada ser a “mulher camponesa”, “a mulher agricultora”, pois, como afirmam Salvaro, Estevam e Felipe (2014, p. 12) “[...] as atividades desenvolvidas por mulheres em contextos rurais começam a ser reconhecidas como trabalho passível de direitos trabalhistas e previdenciários [...] apenas na década de 1990”.

Conforme referidos autores, antes dessas conquistas, as mulheres agricultoras eram consideradas como aquelas responsáveis pelos trabalhos leves que ajudavam aos maridos enquanto eles faziam os serviços pesados nas lavouras. Desconsiderando que, na realidade, em diversas famílias rurais, tanto mulheres quanto homens desempenham tarefas pesadas. Nesse viés, é possível perceber que a desvalorização do trabalho das mulheres como “leve” na área rural é utilizada para justificar implicitamente menores remunerações. Com base nessa ideologia, até atualmente, muitas mulheres, principalmente da área rural, declaram como profissão a expressão “do lar”, não conseguindo se perceber como personagem fundamental no mundo do trabalho.

Entre os aspectos que incitam discussões sobre as competências e representações femininas e masculinas nos depoimentos e documentos sobre a Festa do Colono de Maracajá, visualizamos concepções que diferenciam as mulheres do espaço urbano e as do espaço rural havendo certa depreciação das ditas “colonas” por parte dos homens e das próprias mulheres do meio urbano, o “Centro”.

As palavras da rainha da festa do ano de 1995, Rosiane, apresentam situações em que ocorreram preconceitos em relação às filhas de agricultores:

Naquela época, tinha uma barreira muito grande entre comunidade, agricultor e Centro, eu estudava na época no colégio de Maracajá, no Manoel Gomes Baltazar [...] E assim, eu vi pessoas, meninas do Centro, rindo de mim, inclusive eu fui chamada de... nunca me esqueço... “É, tu quer te aparecer só porque agora é uma *cowboy*”, uma coisa assim. Uma colona cafona, sabe? Poxa, eu fiquei assim decepcionada com aquilo [...] Como eu tinha muitos conhecidos no Centro, por estudar ali, eu vi uma barreira muito grande, nisso os próprios jovens da minha torcida que a gente se reunia antes para ver o que ia levar o que não ia, criticavam os jovens do Centro que eram meus conhecidos, na época eu fiquei até ofendida, será que estão falando a verdade? Depois realmente eu fui ver que existia. Inocentemente, eu achava que não existia, mas existia (Paes, 2015, 2 min. 51 s.).

Essa narrativa demonstra a visão estigmatizada dos moradores da área rural como sujeitos pobres, rudes e incultos, que se dedicam ao trabalho na terra praticamente para a própria subsistência da família, diferente daqueles que vivem

no espaço urbano, os quais possuem uma distinção social diferenciada. Esses indícios puderam ser observados em diversos momentos nas lembranças dos entrevistados.

A agricultora Carla Cristina Medeiros expõe sua opinião sobre os critérios de participação no concurso de escolha da realeza da festa:

Na minha época, a comunidade do Centro não participava, porque é comunidade urbana, mas se tiver algum colono ali que tenha filha, eu acho justo participar também, porque não, mas desde que seja filha de agricultor. Porque às vezes a rainha não sabe nem pegar na enxada. Deveria até de repente ter algum critério no desfile, em vez de avaliar só a beleza, a desenvoltura, os jurados poderiam fazer algumas perguntas sobre agricultura e elas responderem [...] assim para ver se elas entendem bem o que é a agricultura, o que é o colono (Medeiros, 2015, 10 min 31 s).

Do mesmo modo, na fala de Maristela Carradore (2014), que trabalhou por muitos anos na organização da Festa, percebemos a distinção sobre a participação das meninas do “Centro” e as meninas das “Comunidades”:

Então, nós, na época em que eu ajudava na escolha das candidatas, eram as comunidades que vinham, o Centro nós não tínhamos como agricultor, porque já no Centro as meninas eram vistas como as meninas do Centro. Então as comunidades participavam da escolha da rainha. E hoje o município inteiro, as comunidades mais o Centro, eu vejo participando (Carradore, 2014, 3 min 24 s).

Observamos que essa segregação urbana-rural também foi construída socialmente, pois a urbanização é um fenômeno recente na região. Há, conforme Zanini (2009), no imaginário coletivo, um sobrevalor atribuído à cidade como signo de modernidade e inovação e, ao campo, um signo de atraso e estagnação. Nesse contexto, o concurso passa a representar uma oportunidade restrita às filhas de agricultores, considerando que só possuem conhecimentos sobre a vida no campo as pessoas que permanecem lá, “do berço ao túmulo”, como afirma Bauman (2003), esquecendo-se de que, na atual conjuntura social, econômica e cultural, as identidades são desenraizadas e estão em constantes mudanças.

Durante a Festa do Colono de Maracajá são realizadas algumas atividades em que as mulheres são envolvidas com o intuito de imitação de atividades “restritas aos homens”, mas, para a realização dessas atividades, são introduzidos elementos que caracterizam o estereótipo feminino, como, por exemplo, a modalidade das olimpíadas rurais “corrida de tamanco”. O jornal Tribuna do Vale de 28 de junho de 1990, traz informações sobre as atrações da II Edição da Festa do Colono: “As mulheres também participarão ativamente das competições que incluem corrida de tamanco, pau de sebo, futebol de campo e suíço, além de outras” (Comunidades, 1990, 11).

O agricultor Aristeu José Macedo (2015) também relembra momentos que considera divertidos por envolverem mulheres disputando atividades esportivas que seriam normalmente desempenhadas por homens:

No ano de 1994, a prefeitura não realizou a festa, então nós organizamos os conselhos (pastorais) e fizemos uma festa lá na comunidade de São Domingos [...] passamos o dia todo lá, fizemos quatro times de futebol feminino, teve outras atrações, mas a atração maior foi o futebol feminino. Oh! Mas foi divertido! (Macedo, 2015, 10 min 10 s).

Por que seria divertido assistir as mulheres jogando futebol? Devido à construção dessa modalidade esportiva, historicamente, ser atribuída aos homens. Nesse espaço que ainda hoje é demarcado pela atuação dos homens, embora venha mudando, as mulheres têm sempre a missão de “provar” que são capazes de participar de grandes campeonatos, de arbitrar partidas e narrá-las, de dirigir e treinar grandes times de futebol, embora seus salários e patrocínios também sejam infinitamente inferiores aos dos homens.

Nas palavras da agricultora Carla Cristina Medeiros (2015), identifico certa apreensão sobre o fato ser uma “atração da Festa”: “[...] quando a gente participa das olimpíadas, a gente não aproveita a festa, então, daí, fica assim tipo os colonos fazendo os da praça rir, entende? [...] é uma brincadeira, é gostoso para quem assiste, mas quem está fazendo não aproveita a festa” (Medeiros, 2015, 7 min 21 s). Nesse sentido, a agricultora expressa o interesse de se divertir na festa e não o de divertir os outros. Ela reivindica, portanto, nesse espaço festivo, o seu próprio direito. Se em casa já possui inúmeras atribuições, na festa ela quer aproveitar.

Outra atividade da festa que demarca as competências femininas e masculinas no ambiente rural são os desfiles de carros alegóricos com o intuito de representar a memória dos antepassados. Os moradores das comunidades rurais decoram carretas de tratores com temas relacionados ao cotidiano agrícola. Na maioria das fotografias, é perceptível que as mulheres e as crianças são protagonistas do espaço doméstico: a comida na mesa, a limpeza da casa, os trabalhos manuais estão representados, nas imagens a seguir, de forma estereotipada como uma imagem do passado que se cristaliza no tempo.

Imagens 5

Desfile de Carros Alegóricos – Festa do Colono de Maracajá de 1993.



Imagens 6

Desfile de Carros Alegóricos – Festa do Colono de Maracajá de 1993.



Ao contextualizar as fotografias, documentos e narrativas analisados, remetemo-nos ao pensamento de Simone de Beauvoir (1967, p. 9), segundo o qual: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Esta afirmação sublinha que a “qualificação feminina” não é uma determinação biológica, mas sim uma condição elaborada socialmente. Nesse sentido, a atribuição de papéis à figura

feminina restringe-a, por vezes, ao espaço doméstico, destituindo-a de função produtiva na sociedade. Tal restrição está intrinsecamente ligada a um discurso de inferioridade construído e naturalizado em relação à figura masculina.

Da mesma forma, chama a atenção, nesse caso, nos impressos gerados para a festa, a representação da família rural visto que alguns *folders* e cartazes analisados trazem fotografias de famílias agricultoras, sendo considerada, portanto, o modelo de família patriarcal, como se pode perceber na imagem que segue:

Figura 7

Folder da Festa do Colono de 2012⁷.



As quatro gerações representadas no *folder* são o exemplo do ideal de família que se considera no contexto da festa. Não se pode negar que a ideia de trabalhar com as memórias familiares dos próprios agricultores e das agricultoras do município é significativa. No entanto, a festa concebida como um espaço de educação não formal também seria um espaço importante para uma reflexão sobre temas latentes na sociedade, entre eles: o protagonismo feminino no mercado de trabalho; o crescente índice de mulheres chefes de famílias; e os diferentes modelos de família presentes no cenário atual.

A partir das imagens estudadas, identificamos que as representações consolidadas repetidamente na festa repercutem a noção de gênero. Conforme Butler (2003, p. 59), “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”.

Saffioti (2004, p. 136), nesse sentido, alerta para a necessidade de percebermos e problematizarmos as relações entre gênero e poder, explicando

⁷ Acervo documental do Centro Histórico-cultural de Maracajá.

que essa relação de “exploração-dominação masculina” tem sido naturalizada e “[...] forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana”.

Na perspectiva de Butler (2003, p. 59), precisamos compreender “[...] o corpo não como uma superfície pronta à espera de significação, mas como um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas [...]”, dessa forma, o gênero não deveria mais ser considerado como uma ‘verdade interior’ das predisposições e da identidade, mas sim como uma significação performativamente ordenada.

Considerações finais

As reflexões realizadas neste artigo são fundamentais para vislumbrar alguns fatores de articulação entre história e gênero, demonstrando, assim, inter-relações socialmente construídas entre os sexos. Relações essas que, conforme estudos, são responsáveis por construir as desigualdades de gênero como um fenômeno “natural”.

Na perspectiva dos(as) autores(as) pesquisados(as), os discursos que nortearam e justificaram a representação das mulheres historicamente como sujeitos ideais para o “lar” e para a “maternidade” foram sustentados por teorias filosóficas gregas, pela ciência, medicina e moral cristã. Concepções que norteiam a teoria do patriarcado.

A breve retrospectiva histórica realizada também demonstra alguns movimentos de resistência e algumas conquistas das mulheres no campo político, cultural, social e econômico ao longo dos séculos, com o intuito de buscar sua cidadania plena. Porém sabemos que os discursos legitimadores da inferioridade natural feminina permanecem atuais nas sociedades contemporâneas e principalmente no mercado de trabalho.

Refletindo especificamente sobre a Festa do Colono de Maracajá, concluímos que a Festa tem potencial comunicativo e que, dessa forma, suas atividades acabam consolidando e legitimando identidades construídas socialmente. Diversos momentos dessas representações puderam ser observados, como na própria atuação das rainhas e princesas, primeiramente, pelo fato de a escolha ter como elemento a aparência estética, atendendo a um padrão de belo socialmente aceito. Por conseguinte, a atribuição delas de fazer as “honras da

casa”, receber o prefeito e as autoridades, além de serem cordiais e simpáticas, ao mesmo tempo que seus trajes trazem elementos da esfera doméstica, como o avental, demarcando o local social ao qual pertencem.

Embora se observem tantos elementos de um determinado espaço imposto às mulheres, ele também representa um espaço possível para sair da esfera doméstica. Ir à festa, participar em determinadas competições e jovens, mesmo que restritos, é uma forma de estar em público. Entretanto é necessário problematizar essas atividades a fim de identificar os estigmas difundidos na representação de gênero. Esse olhar para a realidade festiva instigou muitas reflexões acerca das identidades forjadas e das múltiplas identidades que habitam o ambiente urbano e rural do município.

Referências

ALUNA do IFSC desenha vestido para rainha da Festa do Colono de Maracajá. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Florianópolis, 26 mai. 2011. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/noticias/w/27-05-aluna-do-campus-ararangua-desenha-vestido-para-rainha-da-festa-do-colono-de-maraca-2>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo:** A experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Difusão Europeia do Livro: São Paulo, 1967.

BURKE, P. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero:** Feminino e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRADORE, Maristela. Relato sobre a participação nas edições da Festa do Colono de Maracajá. **Entrevista concedida a Odécia Almeida de Souza.** Maracajá, 19 dez. 2014. Gravação sonora não publicada. Duração: 45 min. 8 s.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia:** a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COMUNIDADES Mobilizadas para Festa do Colono. **Jornal Tribuna do Vale,** Araranguá, 28 jun.1990. p. 11.

MARACAJÁ: Festa do Colono com muitas atrações. **Jornal Tribuna do Vale,** Araranguá, 19 jul. 1990, p. 9.

MACEDO, Aristeu José. Relato sobre a participação nas edições da Festa do Colono de Maracajá. **Entrevista concedida a Odécia Almeida de Souza.** Maracajá, 13 jan. 2015. Gravação sonora não publicada. Duração 42 min 6 s.

MEDEIROS, Carla Cristina. Relato sobre a participação nas edições da Festa do Colono de Maracajá. **Entrevista concedida a Odécia Almeida de Souza.** Maracajá, 13 jan. 2015. Gravação sonora não publicada. Duração: 21 min 08 s.

PAES, Rosiane Garcia. Relato sobre a participação nas edições da Festa do Colono de Maracajá. **Entrevista concedida a Odécia Almeida de Souza**. Maracajá, 07 jan. 2015. Gravação sonora não publicada. Duração: 42 min 44 s.

PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 296, jan.-abr., 2009.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (org.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres Educadas na Colônia. *In*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M. de; VEIGA, C. G. (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALVARO, G. I. J.; ESTEVAM, D. O.; FELIPE, D. F. Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. **Psicol. Cienc. Prof.** v. 34, n. 2, p. 390-405, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000200010&script=sci_arttext. Acesso em: 10 jul. 2015.

TEDESCHI, L. A. **As Mulheres e a História: Uma Introdução Teórico Metodológica**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

ZANINI, M. C. C. Reflexões sobre o colono italiano na região central do Rio Grande do Sul: breves problematizações antropológicas. **Revista de Ciências Sociais e Humanas da UFSM**, v. 22, ed. esp., ago. 2009. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/sociaisehumanas/search/titles?searchPage=7>. Acesso em: 10 jul. 2015.